

O AUTISMO E A AFETIVIDADE: OS DESAFIOS DO PROFESSOR NA INCLUSÃO PARA ALÉM DA SALA DE AULA, O CASO DE CRIANÇAS COM TEA NA EMEF DE SÃO JOÃO BATISTA – CAMETÁ/PA

Data de aceite: 29/07/2024

Juciane Pinto Wanzeler

Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará- UFPA (2004). Graduação em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará-UEPA (2016). Especialista em Gestão do Trabalho Pedagógico, Supervisão e Orientação Escolar- UNINTER (2010).

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciências da Educação pela Faculdade de Ciências Sociais Interamericana – FICS

Mílvio da Silva Ribeiro

Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará – PPGEO/UFPA. Professor na Faculdade de Teologia, Filosofia e Ciências Humanas Gamaliel – FATEFIG
<https://orcid.org/0000-0002-1118-7152>

geral é: Analisar a relação afetiva entre professor/ aluno nos desafios no processo de inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na EMEF de São João Batista. A investigação discorre sob as conquistas que a criança com TEA apresenta no convívio social à medida que ela avança na escola e por isso a problemática está norteada em: De que maneira a relação afetiva entre professor e aluno interfere e/ou transforma a aprendizagem da criança com TEA, de maneira que seja percebida fora do ambiente escolar? O percurso metodológico inicia com uma pesquisa bibliográfica seguindo com um estudo de caso de cunho qualitativo. Os instrumentos para a coleta de dados discorrerão da observação do ambiente escolar, entrevistas e aplicação de um questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas. A realização desse estudo contribui significativamente para entender a relação do processo que envolve ensino, aprendizagem, afetividade, professor, criança com TEA e família, na construção de um resultado significativo dentro e fora do ambiente escolar, uma vez que, a escola é a extensão da nossa casa e vice-versa.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino e aprendizagem; Autismo; Educação inclusiva; Afetividade.

RESUMO: Entender que o homem nasce e se desenvolve de maneira diferente é aceitar e respeitar a condição individual, entendimento que me levou ao tema dessa pesquisa: O AUTISMO E A AFETIVIDADE: Os desafios do professor na inclusão para além da sala de aula, o caso de crianças com TEA na EMEF de São João Batista – Cametá/PA. Para esta pesquisa o objetivo

AUTISM AND AFFECTIVITY: THE CHALLENGES OF THE TEACHER IN INCLUSION BEYOND THE CLASSROOM, THE CASE OF CHILDREN WITH ASD AT EMEF OF SÃO JOÃO BATISTA – CAMETÁ/PA

ABSTRACT: To understand that man is born and develops differently is to accept and respect the individual condition, an understanding that led me to the theme of this research: AUTISM AND AFFECTIVITY: The challenges of the teacher in inclusion beyond the classroom, the case of children with ASD at EMEF of São João Batista – Cametá/PA. For this research, the general objective is: To analyze the affective relationship between teacher and student in the challenges in the process of inclusion of children with autism spectrum disorder (ASD) in EMEF of São João Batista. The research discusses the achievements that the child with ASD presents in social life as he advances in school and therefore the problem is guided by: How does the affective relationship between teacher and student interfere and/or transform the learning of the child with ASD, so that it is perceived outside the school environment? The methodological path begins with bibliographic research, followed by a qualitative case study. The instruments for data collection will be based on the observation of the school environment, interviews and the application of a semi-structured questionnaire with open and closed questions. The accomplishment of this study contributes significantly to understand the relationship of the process that involves teaching, learning, affectivity, teacher, child with ASD and family, in the construction of a significant result inside and outside the school environment, since the school is the extension of our home and vice versa.

KEYWORDS: Teaching and learning; Autism; Inclusive education; Affection.

INTRODUÇÃO

O sistema educacional brasileiro está longe de ser perfeito, mas muitos estudiosos e educadores trabalham para aperfeiçoar e buscar ao máximo um processo mais eficaz de aprendizagem em todas suas competências. O desenvolvimento humano não acontece de forma linear para todos, haja vista que, o ser humano traz consigo particularidades que podem acelerar ou necessitar de habilidades mais peculiares para engrenar a aprendizagem. Atualmente, um dos maiores desafios da escola está em refletir sobre novas propostas metodológicas para a inclusão escolar com mão de obra qualificada e políticas públicas voltadas para assegurar a qualidade do ensino, que se estendam a vivência diária da criança.

Certamente você já ouviu falar ou conhece alguém com autismo. Isso porque, segundo a estimativa Organização Mundial da Saúde (OMS), “o Brasil pode ter mais de 2 milhões de autistas”. Porém, a ausência de informação e o olhar equivocados causam muitas divergências sobre essa condição, e sentir-se inseguro, às vezes, é bom, pois permite a busca de conhecimentos e aperfeiçoamento sobre sua realidade. Dentro dessa perspectiva de conhecer melhor as contribuições que a afetividade pode nortear o processo de aprendizagem no sentido de transformar a realidade de uma criança com autismo, foi que motivou esse estudo.

Escola e família são como extensão uma da outra, porque a participação da família assim como a dedicação da escola podem ser um diferencial muito importante na vida da criança. Condição essa que norteou a problemática dessa pesquisa em: De que maneira a afetividade entre professor e aluno vai facilitar a aprendizagem de maneira que seja percebida fora do ambiente escolar? Questionamento que leva a outras questões de investigação como: Será que os alunos são agentes ativos e participativos na construção do conhecimento? Como a escola se organiza para atender as crianças com TEA? Quais os desafios que o professor enfrenta na construção desse processo?

Reconhecer que temos habilidades diferentes é entender que vivemos com diferenças. Essa pesquisa, através de entrevistas e observação, busca conhecer e analisar o desenvolvimento da inclusão, adaptação e as relações afetivas construídas com o professor, onde a criança autista cria laços de afetividade, e seja, também, um agente ativo e participativo no desenvolvimento da aprendizagem, que vai refletir no cotidiano da criança, uma vez que, esse primeiro convívio social fora da família é determinante para a criança evoluir.

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA ESTUDANTES COM TEA

A educação inclusiva é um direito inegociável, independentemente de qualquer coisa, o acesso à educação e o direito à aprendizagem são garantias previstas em lei. A partir da década de 90 iniciaram movimentos sociais em defesa das pessoas com deficiência, que resultaram na publicação de importantes documentos, desde a Declaração da Salamanca (1994), a Convenção sobre os Direitos das pessoas com deficiência, proposta pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2003 o MEC criou oficialmente o Programa Educação Inclusiva, em 2006, até a consolidação da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), em 2015, consolidando um amparo legal para o combate à discriminação e toda forma de preconceito que coloca as pessoas com deficiência em uma posição de inferioridade.

Conforme a Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146, de 6 de julho de 2015, parágrafo único: “É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoas com deficiência, colocando-se a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação” (Brasil, 2015, s/p.), ou seja, a responsabilidade de assegurar a aprendizagem da criança, também, é da família em parceira com a escola, principalmente em se tratando de crianças com TEA, onde as informações e acompanhamento da família são um diferencial muito significativo na evolução da criança, pois as informações pessoais vão ajudar o professor e a escola na hora de selecionar as metodologias mais adequadas para trabalhar com a criança, que segundo Paro (2000, p. 38-39) “[...] a ajuda dos pais em casa estão querendo se referir desde a um carinho ou afeto que pode parecer, em princípio, não relacionado com a vida escolar do aluno, até uma intervenção mais ostensiva, ajudando nas lições de casa”.

As conquistas que a comunidade PCD adquiriram ao longo dos anos contribuíram muito para romper algumas barreiras, possibilitando uma vida mais autônoma e independente, mas ainda há muitas coisas que precisam mudar. Uma educação comprometida que se propõe de forma universal deve incluir em suas prioridades a diversidade, sem modelos padronizados, que desrespeitam as individualidades de seus alunos e acabam promovendo cenários de exclusão e fracasso escolar. O direito da criança não é lesado somente quando a escola recusa ou tenta recusar matrícula, acontece, também, quando a criança é enviada para uma instituição com modelo educacional que não respeita as particularidades de seus alunos, que segrega e afasta o convívio social do convívio escolar, onde o aluno precisa se adequar à escola, quando o processo deveria ser o contrário.

Na década de 1970, surgiu o princípio da normalização, que representa a base ideológica da integração escolar, que segundo MEC (2004), o ensino integralizado normaliza o contexto, como se a diferença de aprendizagem e condição humana não existisse. Segundo Mantoan (1997, p. 120), “a normalização visa tornar acessível às pessoas socialmente desvalorizadas as condições e os modelos de vida análogos aos que são disponíveis, de modo geral, ao conjunto de pessoas de um dado meio ou sociedade”, ou seja, a proposta de integração era para encaixar a criança PCD às condições de vida semelhante ao restante da sociedade, desde que ela se adapte e não cause nenhum transtorno ao contexto escolar, enquanto a normalização é referente às condições do ambiente, igualando ao das pessoas em geral, e não à normalização da pessoa deficiente, por isso que uma das consequências da normalização é a integração, o que resultou em um acentuado número de exclusão de crianças que não conseguiam se adaptar a essa proposta educacional, logo sendo derrubada e dando espaço para a proposta de inclusão escolar.

A exclusão foi o modelo educacional que privava a criança do direito de participar da escolarização, sendo excluídos da aprendizagem e do convívio com das demais crianças normais. A segregação foi um modelo educacional que apresenta ambientes educacionais separados, isolando a criança PCD das crianças sem deficiência, forçando um distanciamento, como se a criança PCD não pudesse manter uma relação social e próxima com as outras crianças, partindo do entendimento que sua aprendizagem só pode acontecer em ambientes isolados. A proposta de integração escolar, pode-se dizer a mais cruel, pois insere o aluno na sala de aula do ensino regular, mas desde que ele se adapte ao ambiente e não provoque nenhuma situação de transtorno para as propostas pedagógicas que o professor usa em suas aulas. O modelo de inclusão, que é mais humanizado, a criança é inserida e trabalhada como ser ativo e participativo do processo, envolvendo adequações de métodos e abordagens de ensino visando a aprendizagem de forma igualitária e participativa para todos, abrangendo toda comunidade escolar, pois o processo beneficia a todos, uma vez que, o professor busca novas metodologias que vão facilitar não só a aprendizagem da criança PCD, mas também da criança normal.

A Educação Inclusiva foi pensada e direcionada para lidar com a disparidade humana e propõe um ensino adaptado a necessidade de cada um. Um acontecimento importante para a política de educação inclusiva foi a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em 1996, onde é previsto o direito de educação para todos, preferivelmente na rede comum de ensino. Na Resolução CNE/CEB nº 2 de 2001, é ratificado o dever das escolas em matricular todos os alunos nas escolas comuns. Falando, especificamente, da inclusão escolar de alunos com TEA, houve um considerável aumento de crianças autistas matriculadas nas instituições de ensino após a promulgação da Lei Berenice Piana.

Outras leis começaram a surgir e compor o conjunto de políticas que visam uma educação de qualidade. Dentre elas estão: a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a Lei nº. 12.764, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, e a Lei nº 13.146, que é a Lei Brasileira de Inclusão. Mendes (2006, p. 402) entende que “traduzir a filosofia de inclusão das leis, dos planos e das intenções para a realidade dos sistemas e das escolas requer conhecimento e prática”. A autora defende ainda, que a inclusão não deve ser vista de “maneira romântica”, mas analisada de acordo com a realidade em si, pois o acesso a escola nem sempre é garantia de aprendizagem.

A família é um diferencial muito grande no desempenho da criança, pois o que ela aprende na escola precisa ir além da sala de aula, precisa estar refletida na sua vida em sociedade. A parceria entre família e escola na promoção da inclusão escolar é mais eficaz e vem recebendo apoio na literatura (LEMONS et al., 2016; VARGAS; SCHMIDT, 2017). Esses autores acreditam que a família como parceira da escola, no processo educacional, contribui muito para a adaptação e aprendizagem dos alunos com TEA. Ao longo dos anos, já aconteceram muitas lutas e conquistas para garantir os direitos de pessoas com TEA na sociedade, mas é um processo que caminha a passos lentos e necessita da união de todos os agentes envolvidos, para a construção de uma sociedade mais consciente.

A AFETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O afeto nas séries iniciais torna-se necessário, pois é o início de um novo ciclo para a criança que começa criar novos laços além do seio familiar, Sarmento (2010) entende que quando o professor estima seu aluno, ele consegue interagir no seu universo, o que ajuda muito na aprendizagem significativa, e desperta na criança confiança em seu professor. A criança com TEA precisa interagir no seu meio escolar, mas também precisa confiar no seu professor, o que só vai acontecer no decorrer das aulas e de acordo com a maneira que o professor acolhe seu aluno no decorrer das aulas.

Segundo Ferreira (1999) a afetividade é um enunciado de fenômenos psíquicos experimentados e vivenciados sob a forma de emoções e de sentimentos de dor, prazer, satisfação, agrado, desagrado, alegria ou tristeza. O trabalho do professor vai além da proposta de mediador de conteúdos, pois lidar com seres humanos é uma relação muito ampla e complexa, algumas vezes o professor assume um pouco a função de psicólogo, enfermeiro, terapeuta, pai, mãe, palhaço, engenheiro, sapateiro; quem nunca precisou usar uma supercola para consertar um sapato descolado? Quem nunca sentou para conversar com aquele aluno que entrou na aula chorando? O professor só no olhar consegue perceber quando seu aluno não está bem, ou quando ele está precisando de ajuda com problemas pessoais.

O autismo limita muito a interação da criança, mas não significa que ela nunca vai se relacionar, pois com as metodologias e abordagens afetivas certas, é possível construir vínculos importantes entre o professor, aluno e a aprendizagem. Morales (1998) defende que a ligação afetiva é um mecanismo que permite educar, transpondo função de mediador de conteúdos didáticos, adquirindo base firme para sua própria vivência. Essa reflexão, é uma forma de se fazer entender que é muito importante um clima educacional permeado de atitudes críticas e afetivas.

Os laços afetivos são atribuídos a relações de carinho e amizade, ligados as expressões de sentimentos, anseios, intenções, e etc., visando desenvolver no aluno a vontade de estar presente na sala de aula, de somar conhecimentos e desconstruir dificuldades, pois uma criança que não se sente acolhida em seu ambiente escolar, geralmente, demonstra sinais de resistência para não ir à escola e sempre está criando situações para se ver livre daquele ambiente. Diante desse comportamento a família precisa estar atenta aos sinais, pois é uma forma de expressar como está sendo tratada no seu ambiente escolar, o que muitas vezes é entendido como preguiça, mas pode ser uma forma de pedir ajuda.

Os professores aptos ao atendimento escolar de crianças autistas precisam estar atentos as necessidades e especificidades de cada um, valorizando processos inclusivos, flexibilizando práticas pedagógicas e optando sempre pela avaliação contínua. O compromisso e a busca de estratégias pedagógicas eficazes, são desafios e procedimentos inerentes à função do professor, pois o objetivo final é sempre promover uma educação de qualidade. E quando o público alvo são crianças com TEA é necessário conhecer e considerar como acontece o processo de aquisição da aprendizagem desses alunos, Cunha (2013) enfatiza que:

No contexto do autismo, em termos práticos, podemos dizer que, primeiramente, o professor reconhece as habilidades do educando e as que devem ser adquiridas. É a constituição da aprendizagem no campo pedagógico. Em muitos casos, trata-se do início da comunicação, da interação entre professor e aluno (p.126).

O primeiro passo é sempre conhecer o aluno e suas peculiaridades para desenvolver atividades em cima das suas dificuldades e aos poucos criar laços de confiança e diálogo. Porém, mesmo com todos os cuidados, pode acontecer da criança autista, algum dia, não querer ficar em sala de aula ou se irritar, e nesse momento a ludicidade e a tranquilidade do professor deve nortear para que a criança permaneça em sala. O professor precisa ser forte diante das dificuldades. Paulo Freire (1979, p. 15) diz que:

Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais. Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação do medo. Nada se pode temer da educação quando se ama.

Na relação entre ensinar e aprender com crianças autistas é necessário confiança e segurança, com metodologias que busquem associar a teoria com exemplos concretos, ou seja, buscar atividades que comece na prática, perpassa a teoria e volte à prática, assegurando momentos de reflexão para que todos possam partilhar de forma conjunta as ações concretas garantindo, assim, uma aprendizagem significativa. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1997), defendem que a educação de qualidade precisa desenvolver capacidades inter-relacionais, cognitivas, afetivas, éticas e estéticas, focada na construção do cidadão com seus direitos e deveres.

É importante reconhecer o aluno é o foco da aprendizagem, e todas as propostas e metodologias devem ser pensadas diretamente para atender as necessidades dele. Infelizmente, o sistema educacional ainda não possui um modelo totalmente eficaz de ensino, mas caminha nessa direção estudando, construindo, reconstruindo e se reinventando a cada nova necessidade que a criança necessita para melhorar sua aprendizagem.

METODOLOGIA

A proposta de trabalhar em cima de um estudo de caso está na busca de produzir conhecimento sobre uma situação específica que é relevante para a sociedade, investigando uma situação real, no caso a aprendizagem de crianças com TEA que se estende além da sala de aula na EMEF de São João Batista, para aprofundar o conhecimento sobre essa realidade e construir subsídios para futuras investigações sobre essa temática, que William Goode entende ser um meio de organização dos dados, que preserva o objeto estudado e suas características, sendo um estudo que não mostra só os acertos, mas também as falhas detectadas e na busca por uma solução. José Filho (2006, p.64) mostra que “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”, ou seja, a pesquisa exercita e constrói melhorias para a sociedade e evolução dos conhecimentos humanos, pois é uma forma de dialogar com a realidade pesquisada, com novas informações e novos cenários.

A coleta dos dados discorrerá da observação do ambiente escolar, entrevistas e aplicação de um questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas destinada aos pais e professores, que Minayo (1996) defende por proporcionar ao entrevistado a opção de concordar ou discordar apresentando seu ponto de vista sobre o assunto que lhe foi questionado.

A análise dos dados coletados, desse estudo de caso, segue uma linha descritiva, baseado em estudos de Barros e Lehfeld (2006), onde não há a interferência do pesquisador, ou seja, apenas descreve o objeto de pesquisa, buscando descobrir a frequência com que um objeto ocorre, sua natureza, característica, causas relações e conexões com outros fenômenos. Que Andrade (2004), entende como uma pesquisa preocupada em observar fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los, e interpretá-los, onde o pesquisador não interfere.

A construção desse estudo ficou dividida em duas etapas. A primeira está referenciando as teorias norteadoras, com pesquisa bibliográfica; a segunda etapa são os resultados apresentados em consonância as discussões e os dados coletados com os pais e professores envolvidos no processo. Constatando-se assim, que a realização da seguinte pesquisa contribui significativamente para conhecer e entender as contribuições do processo de ensino e aprendizagem com a vivência da criança além do ambiente escolar, abrindo leque para futuras outras investigações no propósito de aperfeiçoar cada vez mais o ambiente escolar e as metodologias de ensino propostas para o ensino de crianças com transtorno do espectro autista, pois mesmo que uma problemática seja estudada por vários pesquisadores simultaneamente, mas os resultados vão se reconfigurando a medida que a sociedade evolui.

RESULTADOS E DISCUSSÕES OU ANÁLISE DOS DADOS

A instituição de ensino precisa funcionar em sincronia com sua realidade, ou seja, juntar as mãos e as ideias e buscar propostas e recursos financeiros para custear os materiais necessários garantir o sucesso no processo de ensino e aprendizagem, principalmente se tratando de crianças PCD. Estratégias pedagógicas específicas são essenciais para a aprendizagem do aluno com TEA. O professor 3 entende que: “Sim! Através de manter uma rotina, ou seja, as crianças se sentem mais confortáveis e seguras com uma rotina. Planejo minhas atividades com antecedência, pois trazem mais segurança, também ao professor”, aqui ele levanta a importância de criar uma rotina para esse aluno, de forma que ele se sinta seguro, na verdade a segurança é essencial para que a criança com TEA crie laços de afetividade com seu professor e se abra para a aprendizagem de uma forma mais eficaz.

Vygotsky, como principal representante da perspectiva psicológica histórico-cultural, entende o sujeito socialmente inserido em um meio historicamente construído, já dizia Paulo Freire (2002, p. 68), “Ninguém educa ninguém, ninguém educa si mesmo, os

homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, ou seja, a educação seja qual for a modalidade, precisa ser construída na base de troca de informações e experiências, dentro de um ambiente seguro e saudável para ambos.

A Declaração de Salamanca diz que:

Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e ao desfrute e exercício dos direitos humanos. Dentro do campo da educação, isto se reflete no desenvolvimento de estratégias que procuram promover a genuína equalização de oportunidades. Experiências em vários países demonstram que a integração de crianças e jovens com necessidades educacionais especiais é melhor alcançada dentro de escolas inclusivas, que servem a todas as crianças dentro da comunidade (Declaração de Salamanca, 1994, p. 61).

A escola, ou mais especificamente falando, a sala de aula é o primeiro convívio interacional e social de uma criança fora do seu ciclo familiar, portanto, esse ambiente deve ser o mais acolhedor e atrativo possível para construir um processo de desenvolvimento cognitivo eficaz, onde a criança vai ser trabalhada para ser um agente que interage e absorve conhecimento.

O professor chama a atenção para a família que sente sua autoestima melhorada, na medida que percebe o acolhimento e o desenvolvimento escolar refletido, também, dentro de casa, ou seja, a aprendizagem que os professores da EMEF de São João Batista proporcionam as crianças com TEA, está sendo percebida além da sala de aula. Nesse aspecto, Mantoan (2004) defende que “mais do que a discussão em torno das diferenças e da igualdade, há que se considerar a experiência de inclusão”, defende que o acolhimento é essencial no processo de inclusão, mas pela experiência recente, também é necessário atentar para a permanência com qualidade na escola.

E quando se fala em acolhimento com qualidade, nos remete aos laços de afetividade, mas, o que é afetividade? O Professor 2 respondeu:

“Afetividade é o respeito, acolhimento para que o outro se sinta bem, firme, e não fazer todas as vontades, mais sim, dando oportunidade para ampliar seus conhecimentos. Ex: de um bebê que está aprendendo andar, ela sente incentivo a partir que a mãe abre os braços para recebê-la, reagirá fazendo o percurso sozinha, com base afetiva da mãe”

Os professores entendem a afetividade de várias formas, mas concordam que é importante para o desenvolvimento humano por relacionar sentimentos de confiança, respeito, cuidado, de modo que a criança se sinta segura para interagir e se expressar espontaneamente para as atividades propostas pelo professor. Isso, é muito importante porque a criança vai entender que a escola, o professor e aquele ambiente é seguro para ela se desenvolver, e vai facilitar muito a aprendizagem dela, dentro e fora da escola.

Os professores reconhecem a importância da família dentro do processo de ensino e aprendizagem, não só das crianças com autismo, mas em geral, pois é nítido quando a família é presente e quando é ausente, que é percebido no desenvolvimento da criança,

nas atividades extraclasse e até mesmo na higiene da criança, dentre outras situações. O Professor 2 disse: “Esse elo família, criança com TEA e escola é de suma importância para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem do aluno, é a realização de seus objetivos, sendo uma via de mão dupla”, ou seja, a sincronia entre eles só vai contribuir com o desempenho da criança, que vai sentir-se apoiada, amada e cuidada.

Um processo de ensino e aprendizagem onde a afetividade faz parte de uma rotina atrelada a união da família, escola e aluno, o processo se constitui de forma mais significativa e eficaz, onde a criança é a maior beneficiada, uma vez que, de posse de informações peculiares da criança com TEA, o professor já pula a parte de investigação e já constitui suas metodologias voltadas para o contexto que a criança melhor se adapta, o que vai facilitar muito a aprendizagem da mesma, que vai refletir dentro e fora do ambiente escolar.

Dentro dessa relação entre professor e aluno existe um outro elo muito importante para a construção do conhecimento, que a participação da família na aprendizagem dos filhos/ alunos, onde as mães foram questionadas se o ambiente escolar transmite segurança para os filhos. A Mãe 1 respondeu: “Sim, sim, no primeiro momento há uma grande resistência até que ele se adaptou ao novo ambiente, já adaptado ele sente prazer em estar na escola”. As famílias reconhecem o empenho e dedicação dos professores em acolher seus filhos e tratá-los da melhor forma possível, assim como os professores reconhecem o apoio e dedicação da família, ou seja, é uma parceira que precisa caminhar de mãos dadas para garantir o sucesso e melhor evolução das crianças.

Quando as mães falam sobre afetividade, elas falam na mesma sintonia dos professores, relacionando a sentimentos de carinho, confiança, emoções, que transmitem segurança para seus filhos quererem estar ali e confiar nas pessoas que as rodeiam. Wallon assim como Vygotsky defende que a afetividade é um eixo inseparável da cognição, porque a afetividade está sempre presente nas experiências diárias do homem, e quando se trata de convívio escolar, a afetividade torna-se mais evidente na relação entre professor-aluno. Vygotsky (2003) reforça dizendo que:

A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento. A preocupação do professor não de se limitar ao fato de que seus alunos pensem profundamente e assimilem a geografia, mas também que a sintam. [...] as reações emocionais devem construir o fundamento do processo educativo (p. 121)

Diante do entendimento de Vygotsky de que a afetividade anda lado a lado com a cognição, não tem como o professor ensinar sem se envolver com a realidade daquela criança que precisa das habilidades dele para desenvolver seus conhecimentos, quando perguntei as mães se elas sentem uma relação afetiva entre o professor e seu filho, as respostas foram sim, ou seja, os laços foram construídos e a aprendizagem discorrerá de forma mais carinhosa, respeitosa, afetuosa e com confiança.

As mães foram questionadas se a escola consegue atender as crianças com os recursos necessários para a aprendizagem dos mesmos e a respostas da Mãe 1 foi “acredito que sim, ele foi muito bem acolhido, tratado como qualquer outra criança típica e também já está fazendo o AEE, sim está preparada”, reforçada com as considerações da Mãe 2, “meu filho recebe muita atenção do professor e já mostra sinais em casa do que aprende na escola, ele estuda na sala regular e faz o contraturno no AEE, e ele gosta muito da forma como é acolhido”. Isso demonstra que a EMEF de São João Batista é uma instituição de ensino que está atenta as necessidades de seus alunos, buscando profissionais qualificados e preparados para trabalhar com as crianças com TEA.

E o que a criança aprende dentro da escola está sendo refletida fora do ambiente escolar? Essa resposta já aparece na fala anterior da Mãe 2 “já mostra sinais em casa do que aprende na escola”, ou seja, o que a escola ensina ajuda sim o convívio da criança fora do ambiente escolar. A Mãe 1 disse: “Sim, ajuda muito, ele tenta reproduzir tudo que aprende na escola, ele demonstra bastante interesse em colocar em prática”, isso nos remete a um ensino significativo, onde a criança se vê inserida no processo e entende que isso não é só o contexto escolar, mas uma extensão da sua vida familiar e social. Paulo Freire (2002, p. 24) disse: “O medo da liberdade, de que necessariamente não tem consciência o seu portador, o faz ver o que não existe”, ou seja, a existência humana necessita do compromisso com a realidade, de forma que o homem entenda que um é extensão do outro dentro de uma relação interligada de transmissão de conhecimento comprometido com a realidade, onde é ele um agente ativo do processo, e por isso precisa interagir e contribuir sem receio e sem opressões, porque o homem é um sujeito histórico.

E diante de toda preocupação entre escola, professor e família, na construção de um ensino significativo e participativo, dentro de um ambiente afetivo e acolhedor, pensando na evolução e na melhoria da qualidade de vida dessas crianças com TEA, é claro que a família cria expectativas para o futuro dos seus filhos. E, quando perguntada, a Mãe 1 respondeu: “Que ele cresça sabendo que nenhum diagnóstico invalida um sonho, que ele possa realizar o desejo do mais profundo do seu coração. Ele ama a polícia e diz que vai ser policial e eu vou apoiá-lo”. A Mãe 2 disse:

Quero ver meu filho crescer um homem de bem e que ele possa realizar todos os seus sonhos, porque eu vou estar do lado dele para ajudar no que for preciso, porque dentro de casa ele é muito amado e bem cuidado, mas me preocupo com o mundo lá fora, e é por isso que eu tô sempre na escola perguntando e acompanhando o desenvolvimento dele, ando direto atrás de tratamento para ele e ajudo no que posso aqui dentro de casa, porque eu sei que meu filho pode ser o que ele quiser, e eu tô aqui para apoiar.

Ser uma mãe atípica é entender que está diante de um mundo cheio de incertezas, e a preocupação com o futuro do filho é redobrada, porque mesmo diante de uma sociedade moderna e cheia de inovações, mas o preconceito e a intolerância ainda são presentes, pois algumas pessoas imaginam que uma deficiência ou um transtorno limitam a capacidade de

uma pessoa. Pensamento equivocado, porque são pessoas tão capazes quanto qualquer outra pessoa, muitas pessoas com TEA são altamente funcionais e conseguem realizar tarefas de maneira mais eficaz que uma pessoa dita normal. O sonho de uma criança deve ser incentivado e motivado, afinal de contas ele está estudando e se preparando para isso, se o menino quer ser policial, porque se identifica com essa profissão, então, por que não ir atrás desse sonho? Paulo Freire (1996, p. 23) disse: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, todos temos algo para ensinar e algo que precisamos aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No passado, poucos conhecimentos e estudos sobre autismo e a semelhança de comportamentos atípicos, submeteu pessoas a um diagnóstico errado, levando a tratamentos e procedimentos equivocados. Hoje, estudos mostram o crescente número de crianças diagnosticadas com TEA, ainda nos primeiros anos de vida, o que é um diferencial importante para assegurar a qualidade de vida, pois com o início precoce dos tratamentos, esta tem a possibilidade de desenvolver-se melhor. Conhecer e compreender o TEA é o primeiro passo para um olhar sem preconceito, e abrir o coração para acolher seja na família, na escola ou no convívio social.

As pessoas acometidas com esse transtorno já sofreram bastante com estereótipos que as diminuía e subestimavam sua capacidade, chegando a serem tratadas como pessoas que nasceram com deformidade na alma, pessoas loucas que não poderiam conviver em sociedade. E, é claro que isso causou muito sofrimento tanto para a pessoa em si, por ser isolada e discriminada, como também, para a família que passava por muitas situações constrangedoras desde do seu convívio social, até quando os primeiros estudos e teorias começaram ser fundamentadas, pois não é fácil para uma mãe ouvir que seu filho nasceu autista porque faltou afeto durante a gestação, ou que as vacinas que a criança tomou, para prevenir doenças, as fizeram ficar assim. Essas teorias foram cruéis sim, mas talvez necessária para impulsionar mais estudos na busca de uma resposta mais plausível, que até hoje ainda não se conseguiu definir uma causa, apenas possibilidades de prováveis causas para o TEA.

A lei assegura o direito a inclusão escolar, mas não dá suporte financeiro suficiente ao professor para custear estudos e materiais didáticos adaptados, para aprimorar suas habilidades e trabalhar com metodologias concretas que atendam às necessidades de aprendizagem de uma criança com autismo, em sua sala de aula. Nota-se a necessidade de políticas públicas eficientes para estruturar e equipar as escolas com recursos adaptados às necessidades da sua clientela, e quanto à formação do professor existe a necessidade de políticas públicas municipais voltadas para cursos profissionalizantes na área de inclusão, pois a mão de obra qualificada na sala de aula é um diferencial muito importante, pois como

podemos constatar ao longo desse estudo, uma das mães só descobriu o autismo do seu filho, quando ele iniciou sua vida escolar, pois ele chegou em uma sala de aula e lá tinha um professor preparado e qualificado para lidar com a diversidade e os sinais de que algo era diferente naquela criança, ou seja, estar capacitado ajudou aquela criança e aquela mãe, que ainda não havia percebido que seu filho possuía algo diferente e que precisava de cuidados específicos, e assim poderia ficar por mais tempo se não fosse o professor.

É claro que o professor não pode emitir diagnósticos e nem laudo médico, mas pode diante do comportamento da criança recomendar o encaminhamento aos profissionais da saúde especializados, para investigarem, examinarem e constatarem se realmente as suspeitas do professor são verídicas, e quase em 100% dos casos os professores estão certos. No caso dessa criança, que a mãe foi entrevistada, a recomendação do professor levou a mãe a descobrir que seu filho possui o transtorno do espectro autista e também o TDAH, ou seja, essa criança precisa de acompanhamentos e cuidados específicos, como também, metodologias educacionais específicas.

O processo de ensino adaptado e adequado às necessidades de aprendizagem dos alunos é um diferencial na qualidade do ensino, uma vez que, esta irá refletir-se além da sala de aula de forma notória positivamente. A criança com TEA é um universo particular e necessita de abordagens individuais ao modo como a criança se apresenta na escola, e dentro dessa relação escolar, o professor tem um papel muito importante como mediador do conhecimento, pois ele é na maioria das vezes a inspiração da criança e por isso a afetividade é um diferencial importante, pois um ambiente acolhedor é um facilitador na aprendizagem. Conforme, relato na entrevista, a mãe fica mais tranquila quando vê o carinho na relação do professor com seu filho. E sobre a qualidade do trabalho e a relação professor, escola e família, pode-se constatar que é uma relação muito próxima com trocas mútuas de experiências e conhecimentos, principalmente entre o professor e a família, pois as informações pessoais da criança, fornecidas pela mãe ajudou muito o trabalho do professor, que pode agilizar a construção de metodologias adaptadas para seu aluno.

Vygotsky (1998) entende o desenvolvimento da criança em dois níveis: o primeiro é o nível de desenvolvimento real, sendo tudo aquilo que a criança consegue fazer sozinha; o segundo, é o nível de desenvolvimento potencial, aquilo que a criança não consegue fazer sozinha e necessita da ajuda de um adulto ou um parceiro para ajudá-la a realizar. Isso, reforça o quão importante é o trabalho do professor e da família na aprendizagem da criança, pois a escola deve ser vista como uma extensão da família, assim como a família deve ser uma extensão da escola, pois mesmo com toda dificuldade de adaptação, recursos didáticos adaptados, falta de investimentos na qualificação do professor, mas o ensino que os professores da EMEF de São João Batista proporciona a seus alunos é sim percebida dentro do seu ciclo familiar e social, conforme relata a mãe.

A presença da família na escola é um diferencial muito importante no lócus dessa pesquisa, pois como foi relatado a família é um elo importante do processo, sendo uma

parceria onde um ambiente se torna extensão do outro, as mães das crianças autistas são muito presentes na escola e fazem questão de saber tudo sobre o que está sendo trabalhado em sala de aula, assim como os professores aproveitam para investigar tudo sobre a estrutura e convívio familiar da criança, e engana-se aquele que pensa que a família não contribui com as atividades escolares.

Outro ponto investigado aqui, foi a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, e observar que todos os agentes envolvidos reconhecem a importância de uma relação afetiva dentro e fora da sala de aula, e que ela é um diferencial muito importante, nos faz refletir sobre preservar e construir mais ambientes onde a criança se sinta acolhida e protegida, dentro e fora da sala de aula. E quanto ao que ela aprende na escola, realmente pôde ser constatado que isso está sim refletindo além da sala de aula, o que significa que a parceria entre escola, professor e família está ajudando no desenvolvimento dentro e fora do ambiente escolar, pois a criança deve ser inserida no processo como um agente ativo e participativo da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARROS, A. J. S.; LEHFELD, D. A. S. **Fundamentos da metodologia Científica**: um guia para iniciação científica. 2ª. Edição. São Paulo: Pearson Makron Books, 2006.

DECLARAÇÃO DA SALAMANCA: Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acessado em 12 de julho de 2022.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3 ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa, São Paulo. Editora Paz e Terra, 1996 (Coleção leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 32. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra. 12ª ed., 1979.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Ser ou estar**: eis a questão. Explicando o déficit intelectual. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O direito à diferença nas escolas**: questões sobre a inclusão escolar de pessoas com e sem deficiências. Revista Educação Especial, p. 17-23, 2004.

MENDES, E.G. **A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, v.11, n.33, 2006. p.387-559.

MINAYO, M. C de S. (Org). **Pesquisa Social: Teoria, Métodos e Criatividade**. 5 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MORALES, Pedro. **A relação professor aluno**. O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1998.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade de ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000. 126p.

SARMENTO, Nara Regina Goulart. **AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM**. 2010. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Pedagogia/Licenciatura. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71877/000880292.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 fev. 2017.

VIGOTSKY, L. S. **A formação Social da mente**. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2003.